



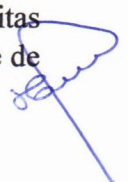
ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS  
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 1ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 8º PERÍODO DA 18ª LEGISLATURA DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, PARA DISCUTIR “O  
DESMATAMENTO NA CAATINGA E A DESERTIFICAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO  
BRASILEIRO, REALIZADA NO DIA 09 DE AGOSTO DE 2024.

Aos nove dias do mês de agosto do ano dois mil e vinte e quatro, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador José Gonçalves da Silva, 1º Secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta Audiência Pública o Vereador José Gonçalves da Silva Filho (PC do B) e a Vereadora Valtide Paulino Santos (REPUBLICANOS). Não se fizeram presentes os demais Vereadores e Vereadoras: Cicera Bezerra Leite Batista (PSB), David Carneiro Maia (REDE), Decilânio Cândido da Silva (REPUBLICANOS), Emanuel Rodrigues de Araújo (REDE), Fernando Rodrigues Batista (PSB), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (MDB), João Carlos Patrian Junior (MDB), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Josmá Oliveira da Nóbrega (MDB), Severino Fernandes Filho (REPUBLICANOS), Marco César Sousa Siqueira (PSB), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPUBLICANOS), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) e Willami Alves de Lucena (PSB). Compareceram à presente Audiência Pública os seguintes convidados: o Aldrin Peres, pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido; Felipe Silva, Engenheiro Florestal e membro da diretoria da Associação dos Engenheiros Florestais da Paraíba; Wesley Maycon, Engenheiro Ambiental, representando a Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente de Itaporanga; Maria do Carmo, Engenheira Florestal e professora da UFCG; Francisco Acássio, representando a EMPAER; Pastor John Philip Medclift; José de Anchieta, representando a Diocese de Patos; Damião Dantas, do Instituto Nacional da Serra do Teixeira; Marileide Guedes, Secretária de Educação do Município de Teixeira; Arthur Fragoso, Tesoureiro da Prefeitura de Teixeira; Major Márcilio do Corpo de Bombeiros; Ronaldo Galdino, presidente da Associação dos Catadores; Sebastião de Assis, representante do MST. A Senhora Presidente declarou aberta a Audiência: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos.” Com a palavra, após cumprimentar a todos, o 1º Secretário “Ad hoc” fez a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. MUNICÍPIO DE PATOS. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS (Casa Juvenal Lúcio de Sousa). GABINETE DO VEREADOR ZÉ GONÇALVES. REQUERIMENTO Nº 878/2024 - SOLICITA DA MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O DESMATAMENTO NA CAATINGA E A DESERTIFICAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO, que atinge também o nosso município e toda região metropolitana de Patos. Diante desse quadro se faz necessário a realização de Audiência Pública para que possamos discutir a situação e




ao mesmo reverter esses graves problemas socioambientais. Sala das sessões da câmara municipal de patos (Casa Juvenal Lúcio de Sousa). Em, 09 de julho de 2024. José Gonçalves da Silva Filho – Vereador/Autor.” A Senhora Presidente convidou a todos para assistir o vídeo do Ministério do Meio Ambiente, o qual expôs o seguinte texto: “Nós somos terra, somos floresta, somos água. A nossa qualidade de vida é o reflexo da nossa relação com a natureza, se a tratamos bem, ela retribui, mas se não morre a floresta, a terra seca. No Brasil a terra está secando. Mais de um milhão e quatrocentos mil quilômetros quadrados do nosso território são de áreas susceptíveis a desertificação. Estamos falando de mil quinhentos e sessenta e um municípios em treze estados. Quase trinta e oito milhões de pessoas. As mudanças climáticas também estão na causa do processo de desertificação, mas é principalmente a ação humana que está secando. Mas ainda dar tempo. A solução também está ação humana. Na ação dos humanos que aprenderam a valorizar as riquezas e as potencias do semiárido. Mulheres e homens que escutaram a natureza, sempre respeitaram a biodiversidade e criaram tecnologias para coexistir em harmonia com o ambiente. É gente que planta a certeza de um presente mais digno para construir o amanhã melhor para as próximas gerações. O Brasil não precisa de desertificação, o Brasil precisa de ação. Se informe, vem plantar água. Não vamos deixar o nosso futuro secar.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o **Vereador José Gonçalves da Silva Filho**: “Boa noite a todos os companheiros e companheiras. Saudar aqui a todos os representantes de entidades, de instituições, em nome de um grande exemplo aqui na nossa região, que é justamente a ‘Fazenda Verdes Pastos’, que é uma referencia para todos nós, que tem a frente o Pastor Jonh Philip Medclraft, que está aqui nesta Audiência Pública; e outras representações institucionais e também de secretarias de agricultura, de meio ambiente, de educação, a representação dos catadores de recicláveis, os companheiros do MST. Saudar a todos vocês. Pedir desculpas pelas dificuldades que nós estamos enfrentando aqui na Câmara Municipal, inclusive nas últimas semanas não conseguimos realizar as Sessões Ordinárias por falta de quórum, seis vereadores para abrir a sessão. Mas dizer do nosso esforço aqui enquanto vereador sindicalista, dos movimentos sociais, é justamente trazer aqui para a Casa Juvenal Lúcio de Sousa os problemas vividos no dia-a-dia pela população. Então, na noite de hoje, a gente quer ouvir essas representações, quer ouvir essas experiências, mas, ao mesmo tempo, a gente construir uma proposta para nos contrapormos a toda essa situação que estamos presenciando aqui em Patos, na nossa região, na Paraíba, no Brasil e no mundo, porque a luta em defesa do meio ambiente saudável é uma luta internacional. Então, quando a gente ver qualquer país passando por dificuldades isso nos toca. E bem antes a gente pensava que essas coisas estavam acontecendo lá nos Estados Unidos, na Europa, agora não, está na nossa porta. E por incrível que pareça nós que moramos aqui na região Nordeste, ainda somos ‘privilegiados’ se levamos em consideração outras regiões do nosso país: seca na Amazônia, aquela situação do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Santa Catarina, de São Paulo. Mas aqui em Patos a gente também está passando por esse processo de ataque ao meio ambiente, nós estamos aqui com três rios mortos: o Rio Espinharas, o Rio da Cruz e o Rio da Farinha, que já foram assassinados pelos latifúndios urbanos, que a gente não compreende, tem tanta terra, e a gente vai construir exatamente dentro dos rios, dentro dos riachos. Há vinte dias, recebemos a denúncia que esse Conjunto Habitacional São Judas Tadeu I e II, oitocentos e cinquenta e seis apartamentos, está poluindo o Riacho dos Pilões. Nós estamos observando também aqui em Patos que os loteamentos, urbanos e rurais, não respeitam o meio ambiente. E são as ditas autoridades que fazem vista grossa, só para ganhar voto, e o meio ambiente que fique de





lado. Então são muitas construções irregulares, inclusive, Pastor Jonh, financiados pela Caixa Econômica Federal. É uma grande contradição, loteamentos ilegais, irregulares, estão sendo liberados, o cara diz: 'vou colocar meio-fio, colocar água e energia', mas às vezes não tem nem uma caixa d'água, como foi aquele loteamento na saída para Campinha Grande. Então, os canais daqui do nosso município, de cada cem residências, apenas sete fazem tratamento de esgoto. Os esgotos residências e da indústria vão todos para dentro do Rio da Cruz, da Farinha e o Rio Espinharas, que desagua para Serra Negra, no Rio Grande do Norte, o Rio Espinharas; e mesmo naquela área de Serra Negra construíram ainda sete barragens. E o Rio Espinharas é outra situação aqui, essa tristeza. São essas questões que nós queremos discutir, interagir aqui com os senhores e senhoras. E por último, eu deixei o Corpo de Bombeiro, não por ser o último, mas no momento de sufoco, 'chame os bombeiros'. Chame os bombeiros, e a gente está vendo a situação que os companheiros estão trabalhando, a dificuldade de se combater esses incêndios. Então, tem muita coisa a questão do meio ambiente, a liberação dos agrotóxicos, que não estão mais sendo utilizados na Europa, nem na América, mas aqui no Brasil foi liberado, especialmente nesse governo genocida, anterior, vinte e três agrotóxicos, e quando a gente ver: 'fulano morreu'. 'Mas foi o quê?'. Câncer. 'Não diga uma coisa dessas, conversei com ele faz trinta dias. Foi o quê?'. Câncer. Porque, na verdade, nós estamos comendo veneno, Chico Velho, veneno. Então é uma questão fundamental essa discussão. Eu acho que a gente tem que fazer essa discussão da forma mais ampla possível. Quero agradecer, mais uma vez, aos companheiros e companheiras de outros municípios que estão aqui, de Itaporanga, de Teixeira e outros municípios que estão aqui. Esse parque agora lá da Serra do Teixeira, já tem o Dantas aqui dando a sua contribuição, tem a questão também da energia solar, tem a questão da energia eólica, que diz que é energia limpa. Não tem energia limpa; é igual a risco, você não elimina risco, você reduz. Eu tive a oportunidade de passar um dia visitando aquela Serra de Santa Luzia, e ali não tem mais, Pastor John, um passarinho. E eu disse para um agricultor: mais aqui não tem mais nem como criar um bode, ele disse: 'nem gado, com o barulho'. Então a desertificação também que está sendo feita com a energia solar é uma coisa absurda, nada de sustentabilidade. Inclusive, a gente tem essa cartilha aqui: 'Nossa casa sustentável, orientações para o consumo consciente de água, energia e alimentação no ambiente doméstico. Tem aqui o CERSA, que é o Comitê de Energia Renovável do Semiárido, SINFEMP, Cooperativa de Energia Solar, SEPS de Teixeira e o Fundo Casa Sócio Ambiental. Então, basicamente, era isso e eu espero que dessa Audiência Pública a gente possa construir um projeto alternativo para defendermos o meio ambiente aqui no município de Patos e também em toda região. Muito obrigado e agradeço mais uma vez a presença de todos." A Senhora Presidente convidou a senhora Natália, Secretária do Meio Ambiente do Município de São Mamede; Iery, que faz parte da Secretaria de agricultura do município de Patos, e ainda registrou a presença do Professor Flávio Simpliano, coordenador do Curso de Pós-Graduação de Engenharia Florestal. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Engenheiro Florestal Felipe Silva de Medeiros**: "Boa noite a todos. O meu nome é Felipe Souza de Medeiros, eu sou Engenheiro Florestal, atuo aqui na cidade de Patos, tenho uma empresa de consultoria ambiental e segurança do trabalho, sou bem conhecido aqui por alguns e conheço alguns também aqui. Aproveitar o momento e agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade, parabenizar ao Vereador por essa propositura tão importante, Zé Gonçalves, cumprimentar também a Presidente da Câmara Tide, a Professora Carminha e todos os presentes aqui nesta noite. Estou representando aqui também a Associação dos Engenheiros Florestais do Estado da Paraíba – AEFPB.





Inclusive, agora no mês de julho ela foi reativada, teve uma nova eleição, representando aqui o presidente da associação o Engenheiro Erick Cavalcante, que é o presidente desses próximos mandatos da Associação dos Engenheiros Florestais, e eu como Engenheiro Florestal estou muito lisonjeado em estar aqui presente nesta discussão. Inclusive, os municípios hoje estão com uma obrigação de apresentar um plano de combate à desertificação e mitigação das secas, cobrado pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, que foi cobrado pelo Ministério do Meio Ambiente. Essa discussão vinha desde dois mil e treze dois mil e dois mil e quinze, foram criadas algumas comissões federais e, depois, foi criada uma comissão estadual, e com essa mudança de governo esse estudo retornou, e agora os municípios foram obrigados, já passou o prazo, a apresentar esse plano de combate à desertificação e mitificação das secas. Estive presente na Secretaria de Meio ambiente aqui de Patos e eu vi que eles apresentaram, nós como empresa, ajudamos a elaborar o plano do Município de Emas e do Município de Catingueira, aqui no Estado da Paraíba, e o grande desafio é não só elaborar esse plano, mas, sim como será executado e cobrado daqui pra frente. Acho que o momento não seria mais pertinente como esse, e a principal dúvida que eu queria deixar aqui, já que os municípios estão elaborando os seus planos, outros não, como será daqui pra frente essa cobrança e exigência desses planos. Elaborou, está tudo bonitinho no papel, agora a gente tem que ver a execução desses planos de combate à desertificação. Então, Pessoal, nós moramos numa área semiárida, bastante árida aqui no sertão da Paraíba, tem locais mais secos do que aqui a cidade de Patos, como vocês podem observar, a temperatura tem aumentado bastante, e a tendência é que essa temperatura aumente, influenciado nos ecossistemas, nos biomas, na vegetação, nas plantações e sucessivamente; e como o vídeo próprio falou, se não agirmos daqui pra frente as consequências serão desastrosas, mas ainda dá tempo. Então, o que eu queria deixar nessa noite, inclusive, o que a gente sentiu falta, Vereador e Presidente da Câmara, foi de um termo de referência pra serem elaborados esses planos de combate. A gente precisa de um termo de referência pra gente adaptar à realidade de cada município. Eu estava conversando com outros Engenheiros Florestais, e eles sentiram essa necessidade, conversando junto com o Tribunal de Contas, a gente precisa de um termo de referência, onde Estado ou Federal precisa apresentar esse termo. E fica aqui a nossa disposição como Associação dos Engenheiros Florestais; eu, Felipe, como Engenheiro Florestal, estou aberto para participar da elaboração desse termo de referência. Obrigado e boa noite a todos.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o senhor **Wesley Maikon**: “Boa noite a todos. Eu sou Wesley Maikon, Engenheiro Ambiental, representando aqui o município de Itaporanga, em nome do Prefeito Nivaldo Dantas e o Secretário de Agricultura e Meio Ambiente Silvério Santos. Eu vou aqui complementar toda fala do Vereador José Gonçalves e de Felipe, que foram muito bem colocadas, sobre a questão do plano de combate à desertificação, que é para isso que a gente veio também debater aqui, estratégias, traçar objetivos e metas a serem cumpridas. Pois bem, a realidade de Patos não é diferente da realidade de Itaporanga, a gente está numa região semiárida. De acordo com o último relatório do IPCC, que foi lançado em dois mil e dezenove, cerca de noventa por cento do solo semiárido tem grande probabilidade de ser degradado, desertificado. Então é por isso que essa investida foi feita pelo governo federal para que os Tribunais de Contas fizessem uma reunião com os municípios para traçar objetivos e metas a serem cumpridas e apresentar esse plano de trabalho. E como Felipe citou, o termo de referência seria bastante interessante pra gente cumprir as metas. Eu quero abrir essa discussão, de maneira bastante objetiva, já começando a falar das problemáticas que os nossos municípios enfrentam. Vamos a

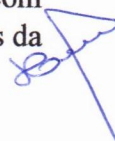




primeira, que é a questão da arborização urbana, eu não sei a realidade de Patos, mas muitos municípios sofrem a triste realidade, em cerca de noventa por cento da arborização que tem, possuir espécies exóticas como, o nin indiano e a figueira, que são espécies invasoras. Eu acredito que no semiárido, eu sei que as condições são difíceis, por causa dos recursos hídricos, a escassez de água que a gente tem, a gente tem que traçar objetivos e metas pra arborizar nossas cidades e o campo; o homem do campo é o principal afetado, eu reconheço o trabalho dos agricultores, a gente sabe que os agricultores, há trinta anos a realidade era diferente, a questão da agricultura. Hoje a agricultura continua, só que a dificuldade aumenta, por causa das mudanças climáticas. Então, a gente deve traçar metas, no meu ver, principalmente para o uso racional dos recursos hídricos, pois a nossa principal dificuldade é a questão dos recursos hídricos; usar de uma forma adequada e escolher espécies que são adaptadas ao nosso bioma caatinga, que é um bioma único do nosso país. A gente sabe que temos de cinco a seis biomas, e a caatinga é um bioma raro e que é encontrado no nosso território uma grande diversidade de espécies. Então, eu acredito que os gestores municipais devem se atentar a isso, procurar soluções e debater e, através desse plano, desse termo de referência que vai surgir nos municípios e essas propostas para combate à desertificação, que não fique só no papel, que a gente possa conseguir metas a curto, médio e longo prazo para resolução desses problemas, porque a gente sabe que depende principalmente do homem do campo para o alimento chegar às nossas casas. E a questão da arborização urbana é indiscutível, a gente sabe que espécies invasoras podem danificar calçamentos, danificar a reprodução de algumas espécies que são nativas da nossa região, então vamos procurar resolver esses problemas sempre dialogando. Eu tenho certeza que esse momento foi um momento bastante importante, essa propositura pelo Vereador, porque é uma questão importante, e a gente deve se alertar a isso porque estamos numa situação crítica; a gente sabe que de acordo com o PCC, como eu falei, é uma porcentagem muito grande de solo degradado no nosso bioma e sujeito a desertificação. Então, vamos traçar metas e objetivos. Quero agradecer pela oportunidade e estamos à disposição para tirar e dirimir mais dúvidas. Muito obrigado a todos.” A Senhora Presidente registrou as presenças da Professora Kerle e do Professor Luciano, ambos do Curso de Biologia da UFCG, como também as presenças do professor Ronaldo, do IFPB, e do Professor Edileudo Lucena.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor **Wilson Volfrand**: “Boa noite senhoras e senhores. Como diretor do Centro de Saúde Tecnologia Rural Campus de Patos, fico muito feliz ao receber o convite promovido pelo nosso Vereador, que eu considero um dos mais respeitados pelas suas ações, pelos seus atos tão corretos, Vereadora Tide, estamos no caminho certo, que é discussão. Eu sou Médico Veterinário e também faço parte, como profissional responsável, pela saúde ambiental, dentro do conceito de saúde única. O Médico Veterinário é um profissional que trabalha na saúde animal, saúde humana e saúde ambiental. Temos em Patos um curso de Engenharia Florestal, que já está aqui instalado há mais de quarenta anos, e nós temos produzido tecnologias e pessoas que são capazes de promover a reversão deste problema que hoje é atual. A exemplo, nós temos Doutor Anchieta, colega, amigo, Engenheiro Florestal, que juntamente com a igreja católica e outras igrejas, tem feito um trabalho excelente de extensão, juntamente com a Doutora Carmem Lert, que é Coordenadora do Programa de Ensino Tutorial – PET, que, junto com o apoio do Centro do campus de Patos temos espalhado por todo nosso município e região metropolitana, mudas de plantas nativas e frutíferas, para diversos produtores rurais. E tenho participado de alguns eventos inerente a esse tema. Teve uma conferência estadual sobre a questão ambiental, a qual eu participei, sobre a questão das



energias renováveis e o convívio harmônico com o semiárido, e o Campus de Patos também tem promovido outras ações nessa área. Professora, eu tenho observado que nós já demos alguns passos, nós temos tecnologias para reversão desta situação, nós temos condições de trabalhar junto ao ambiente, e que não é necessário ser grandes ações. A ação individual é tão importante quanto ação coletiva, o trabalho que esses professores fazem, nesses pequenos arranjos familiares, dá um resultado tão importante quanto outros de tecnologias mais desenvolvidas. Agora, o que nós precisamos para executar essas ações não vem apenas de ação governamental, tem que vir da ação do povo, tem que haver a conscientização e a exigência para que os órgãos utilizem as suas expertises para minimizar essa situação, porque muitas vezes não é de interesse de muitos aí resolver o problema ambiental, porque a desertificação também dá lucro. E se não houver essa consciência vai ficar difícil a gente tentar resolver, porque o nós temos observado, sabemos que o nordeste sempre conviveu com desastres naturais, sempre conviveu com grandes secas, nós sabemos utilizar a água, nós temos tecnologias para melhorar a qualidade da água, eu falo como instituição, nós temos condições de contribuir de forma relevante para o bem-estar da população, principalmente aquela população sertaneja, que é o tema principal da noite de hoje. Agora, pra isso é necessário que tenhamos essa força do povo para exigir desses políticos, dessas entidades, condições para desenvolver. Nós temos quatro cursos: Biologia, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária, Odontologia, todas essas profissões contribuem em pesquisa para o bem-estar ambiental das mais diversas formas: promovendo a saúde das pessoas, promovendo a saúde ambiental. Então, eu acredito que esse é um passo importante, que é a conscientização para que se trabalhe nas diversas linhas que contemplam a questão da desertificação. Nós tivemos recentemente um evento, que nunca acreditávamos que poderia acontecer, no Rio Grande do Sul, porque nós temos dois eventos ambientais que causam esses eventos: que é El Niño e La Niña, que é alteração da temperatura da água do Oceano Pacífico. Não tenha dúvida que seremos as próximas vítimas porque esses eventos eles se alternam, e a cada vez que se alternam eles mudam de localização para suas ações, tanto com muita chuva quanto com pouca chuva. E o problema já está posto, ou a gente começa a trabalhar de forma ativa, utilizando as tecnologias que já temos, ou, infelizmente, vamos ter que passar por momentos difíceis, como já passamos anteriormente, e a tendência é que seja cada vez mais forte, cada vez mais deletéria à vida humana. Não sou pesquisador da área específica, como o nosso Curso de Engenharia Florestal e Biologia, aqui representado por diversos professores, que têm uma ação direta sobre a questão da desertificação, sobre o reflorestamento de um bioma, professores, que foi historicamente negligenciado. Não se falava, não existia nos anais dos governos anteriores o bioma Caatinga; existia o bioma Mata Atlântica, Cerrado, Amazônia, mas você não encontra o bioma Caatinga, sempre foi negligenciado. Mas eu tenho certeza, e reafirmo: nós, como instituição de pesquisa, temos tecnologia necessária para reverter a situação. Precisamos de uma decisão política, mas eu tenho certeza que só irá acontecer se houver uma pressão popular, porque sempre é assim que funciona. Então, vocês podem contar com o Centro de Saúde e Tecnologia rural, principalmente com os cursos de ciências biológicas e engenharia florestal, porque nós, como gestão, damos todo o apoio para quaisquer ações que sejam nesse sentido. Professora Carminha conhece, eu sempre sou empolgado com todas as ações que o programa que ela coordena, que é o PET, e desenvolve naquele campus, que a princípio pode ser simples, mas é um dos passos mais importantes para reverter a situação, que é o reflorestamento. Então fica aqui a nossa palavra, no sentido de dizer que pode contar com o Centro de Saúde e Tecnologia Rural, porque nós somos apoiadores e incentivadores da





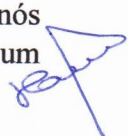
causa. Muito obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o **senhor Damião Dantas**: “Boa noite. Gostaria de agradecer o convite, Carminha, para estar aqui. Estou muito honrado de estar aqui, muito feliz de estar aqui, e poder encontrar vários companheiros de luta, que eu gostaria de já ter encontrado e conhecido aqui. Saudar aqui várias pessoas, saudar e parabenizar o Vereador José Gonçalves pela propositura, a Presidente da Câmara, Vereadora Tide; saudar aqui, muito honrado em conhecer o companheiro Anchieta presencialmente, fisicamente, porque a luta dele, grande timoneiro, uma pessoa que está na vanguarda dos movimentos populares em defesa dos agricultores no Semiárido. Já conhecia você, Anchieta, companheiro, através de outros companheiros, professor Xangai, companheiro lá de Teixeira, José Dias, enfim, muito honrado de te conhecer. Gostaria também de saudar meus companheiros de luta, de caminhada aqui, eu cheguei recentemente no território, e tenho encontrado, que ninguém caminha sozinho. Eu cheguei aqui sem conhecer ninguém, nem de nome, mas tenho encontrado nessa caminhada vários caminhantes. E aqui, dentro desse contexto, queria saudar a professora Marileide Justino, Secretária de Educação de Teixeira, Secretário de Governo Municipal, Arthur Fragoso, meus companheiros de luta, Doutora Áquila e Helton Dantas. Enfim, Senhoras e senhores, eu me chamo Damião Dantas, eu sou sertanejo, eu sou caatingueiro, na verdade, eu gosto de dizer isso. Nasci aqui na Caatinga, na zona rural de Brejo do Cruz, num lugar chamado Sítio Emas. Gostaria de saudar o Pastor Johnny, temos uma grande amiga em comum, Dalvanete Dantas, que tinha me falado muito do senhor. Muito honrado em conhecer o senhor, eu acho que a gente precisa se encontrar fisicamente, presencialmente, para a gente conversar e caminhar juntos. Mas eu estava dizendo que eu nasci aqui na zona rural de Brejo do Cruz, num lugar chamado Sítio Emas, e sai para estudar em Natal, e lá eu entrei num órgão, Anchieta, chamado IBDF, depois virou IBAMA, Instituto Chico Mendes. Então eu tenho quarenta anos de luta nessa questão. E eu gosto de fala do Instituto Chico Mendes, que é muito interessante. Gostaria de fazer referência à várias falas, por exemplo, do professor Valfran, onde ele diz que há muito tempo se fala dessas mudanças climáticas, e a gente está vendo isso hoje. Eu sou um dinossauro na luta da questão ambiental, porque eu sou antes do IBAMA, eu sou do IBDF, então eu acompanhei todo esse movimento, e eu participei da Rio 92 como delegado, como representante do Governo Federal, na época, e na ECO 92, na Rio 92, já se denunciavam que essas mudanças climáticas iriam acontecer, e as pessoas debochavam da gente. Quem é aqui do movimento ecológico, que é antes do movimento ambientalista, quando a gente denunciava isso, diziam: ‘não, isso aí é coisa de louco, de hippie’, enfim, não posso dizer o que eu gostaria de dizer, mas a gente ouvia muito. Diziam até que era coisa do primeiro mundo contra o terceiro mundo. Dizer Vereador José Gonçalves, companheiro, que a questão do processo de desertificação, que a gente debate hoje, e espero que a gente construa a propostas, e dizer também que você tem razão quando diz que nós não estamos sozinhos; com certeza, neste momento, milhões de pessoas estão reunidas debatendo saída para esse problema, porque a questão da desertificação não é só a desertificação da terra e do solo, é, sobretudo, a desertificação do homem, é a desertificação humana. E aí, Anchieta, temos que prestar atenção, porque está chegando uma segunda revolução. A primeira revolução da agricultura, na década de sessenta, está vindo outra grande revolução, e a gente tem que se posicionar. Então o processo de desertificação não é só do solo, é, sobretudo, humano, as pessoas estão deixando o campo, por várias razões, o campo, e estão morando na cidade. E também a questão dessa crise ambiental que a gente vive hoje, socioambiental, ela não é só crise ambiental, ela é, sobretudo, uma crise civilizatória. É uma crise da civilização, é uma crise





moral, uma crise ética. A questão não é só o modelo de desenvolvimento predatório desordenado, é, sobretudo, a forma como nós humanos nos relacionamos com o meio ambiente. A crise ambiental foi provocada por nós humanos, e cabe a nós humanos, como você falou Zé Gonçalves, buscar a saída. Não sei se foi você, mas alguém já disse isso aqui. Então, dentro desse contexto, eu vou falar agora do parque nacional da Serra do Teixeira, a sociedade do semiárido paraibano está de parabéns, o Governo Federal, o ano passado, no dia cinco de junho, dia mundial do meio ambiente, criou o Parque Nacional da Serra do Teixeira. É uma unidade de conservação, de proteção integral, o Instituto Chico Mendes, que é o órgão que eu trabalho, é um órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, tem o IBAMA e tem o Instituto Chico Mendes, é uma autarquia que tem uma personalidade própria, é uma autarquia como o IBAMA e o Instituto Chico Mendes. Cabe ao Instituto Chico Mendes fazer a gestão das unidades de conservação federal no Brasil. São trezentas e oitenta unidades de conservação, mais de oitenta delas são da categoria de parque nacional. E se criou um parque aqui no semiárido paraibano, Parque Nacional da Serra do Teixeira, o primeiro parque nacional da Paraíba, que abrange doze municípios: São José do Bonfim, Cacimba de Areia, Maturéia, Imaculada, Água Branca, Juru, Santana dos Garrotes, Santa Terezinha, Catingueira, Olho D'Água e Mãe D'Água, sessenta e um mil hectares. Eu estava na cidade de Porto Seguro, era diretor em um parque lá, e fui convidado para implantar o processo de gestão do Parque Nacional da Serra de Teixeira. Então, nós temos uma oportunidade, Anchietá, Zé Gonçalves, senhores e senhoras, e coloco o Parque Nacional da Serra de Teixeira, convindo, na verdade, para que o Parque Nacional da Serra de Teixeira seja o fomentador das políticas públicas deste bioma tão esquecido, falado pelo professor Volfran aqui. De fato, o bioma Caatinga é um bioma esquecido pelas políticas públicas de meio ambiente no Brasil. Vem primeiro Amazônia, sem segundo a Amazônia, terceiro a Amazônia, depois o resto. O Cerrado já se foi, não é Anchietá, e se nós não tomarmos cuidado, a Caatinga será o próximo, com esses projetos que estão chegando aí. Então nos colocamos, enquanto Parque Nacional da Serra de Teixeira, à disposição da municipalidade, não só dos doze municípios da Serra de Teixeira, mas do território. Estamos aqui não só para escutar, uma escuta passiva, mas uma escuta propositiva, e nos colocar à disposição. Haverá alguns momentos interessantes, como em breve iremos construir o conselho de gestão do parque e implementar também o plano de manejo do parque. É um espaço para a sociedade discutir o plano de manejo do parque. Eu só sei fazer de um jeito, quem me colocou aqui sabe, eu só sei fazer gestão ambiental de forma dialogada, envolvendo a participação da municipalidade, da sociedade, do poder local, das instituições públicas e privadas, da sociedade civil organizada. Então, a nossa intenção, enquanto gestor, é implementar um modelo de gestão colaborativa, que o parque seja um polo fomentador do desenvolvimento sustentável da região da Serra de Teixeira. Agradeço a oportunidade de me colocar aqui, de me posicionar, de me apresentar à sociedade. Muito obrigado.”

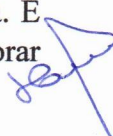
Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna a professora da UFCG **Maria do Carmo**: “Boa noite a todos. Em nome da Presidente da Câmara eu saúdo todos da Mesa, e me sinto extremamente feliz pelo apelo que fizemos e a presença de movimentos sociais, da sociedade civil, de governos municipais, ambientalistas, de acadêmicos, todo mundo presente aqui para discutir um tema tão relevante quanto é a desertificação. Então, só para a gente lembrar o vídeo inicial, cento e quarenta mil quilômetros quadrados da Caatinga, susceptível a desertificação, abrangendo quase seiscentos municípios, atingindo vinte e oito milhões de pessoas. Então o que é que nós estamos fazendo com essa fina camada da Terra que a gente vive? Se a gente subir um





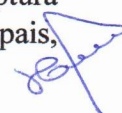
pouquinho, ninguém respira, se a gente afundar um pouquinho, cozinha. O que é que a gente está fazendo com essa fina camada da Terra, que é rica, biodiversa? E nós fazemos parte dessa biodiversidade, nós não somos melhores do que nenhum outro ser vivo, que está trazendo problemas, não só ambientais, agora socioambientais. Existe toda uma população rural e urbana que sofre, e vai sofrer muito, com as consequências da continuação desse processo. Então 13% (treze por cento) da nossa Caatinga já está em processo de desertificação. Essa discussão que trouxemos hoje para cá, o Vereador José Gonçalves abraçou com muita ênfase, é para que a gente possa, junto com a fala do Audrin, pesquisador INSA, a gente toma conhecimento, junto da Casa dos legisladores, que também é fundamental para que a gente possa alcançar sucesso na mitigação de problemas, com a descentralização de problemas ambientais serem feitos a nível municipal, a gente precisa do envolvimento dos legisladores, assim como dos gestores municipais. Então é preciso que nós, enquanto povo, enquanto população, a gente preste atenção em quem desses legisladores e gestores têm propostas e leva a sério a questão do meio ambiente. Nós já fizemos nosso primeiro deserto aqui no país. No final de 2023 a primeira área árida no semiárido brasileiro, na Bahia e Pernambuco, o primeiro deserto por ação humana. Então nós não podemos deixar que isso continue, e só a luta de todos juntos pode trazer uma modificação. E agora nós temos a fala extremamente importante do Audrey que vai trazer para que a gente possa tomar conhecimento e poder discutir mais a fundo essa questão tão relevante, importante, e que interessa a todos nós tomar conhecimento e tomar ações efetivas para que esse processo possa começar a ter um freio, a ser diminuído, com muito trabalho, com muito envolvimento, com muita pesquisa, com todo mundo envolvido a gente consegue dar um freio a esse processo extremamente destrutivo. Desmata, perde o solo, chove menos, não tem banco de sementes, chega ao fim e forma um deserto. É uma falência mútua de órgãos que está acontecendo em nossas vistas. Então nós não podemos mais fechar os olhos ao que está acontecendo. Então, a ação humana que faz isso, ação humana para reverter é necessário. Isso tudo se faz com muita luta. E é isso que a gente pretende aqui, trazer a luta, a conscientização, para que a gente possa ter efetivamente possibilidade de reverter esse projeto extremamente destrutivo. Obrigada.”

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o **senhor Audrey Perez**: “Boa noite a todos e todas, os companheiros e companheiras aqui presentes. Inicialmente, eu gostaria de saudar a todos vocês, especialmente o Vereador José Gonçalves pela iniciativa, e a nossa Presidente Tide Eduardo, por este momento, e expressar nossa satisfação de estar aqui, compartilhando informações e debatendo com vocês sobre o tema, sobre a crise ambiental que envolve a todos. Também gostaria de fazer um agradecimento especial ao César, em nome de Anchieta e a professora Carminha, do PET, Engenharia Florestal, pelo convite pela mobilização, pelo contato que eles combinaram para estar aqui neste momento importante, nesta pauta. Antes de começar minha exposição, eu queria trazer algumas informações, porque vi que conversaram, falaram dos planos e tal. Eu queria dizer que o governo brasileiro atualmente está elaborando e atualizando o plano de ação brasileira de luta contra a desertificação e mitigação do efeito da seca. E neste momento se encontra a sistematização das informações, que depois vai negociar com políticas públicas. E o que é importante nesse processo? É porque o Ministério decidiu escutar o povo, o que é que que o povo proponha ou quer para enfrentar essas problemáticas. E nós arrumamos um conjunto de especialistas pra fazer isto. Então é um documento muito importante porque envolve a opinião de todas as pessoas que estão envolvidas com essa temática. E como consequência, esse plano também está gerando que todos os estados podem elaborar





os seus planos estaduais. E esses planos estaduais, já está em andamento os trâmites para os recursos, ou a SUDENE e a Universidade do Vale do São Francisco, e depois, naturalmente, cada município deve fazer os seus planos municipais. Só queria trazer essas duas informações, e vou passar para minha fala. E também eu faço parte desse grupo, que é um grupo de pesquisas que envolvem uma série de instituições ou pesquisadores, que fazemos parte dessas instituições, que se chama observatório da caatinga e desertificação. E no momento, somos um grupo científico responsável por elaborar esse plano que no Brasil, que em breve será finalizado. Vai passar por audiência pública, consultas públicas, pela Comissão Nacional de Combate à desertificação, para depois publicá-lo e elaborar o plano operacional dos projetos. Então, esse aqui é meu nome sou Audrin, eu sou pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido, que fica em Campina Grande, e pra quem não sabe, foi um Centro de Pesquisa criado pelo presidente Lula, em 2004. E casualmente estamos elaborando o segundo plano de combate às desertificações na gestão do Presidente Lula e na gestão da Ministra Marina, que foram os dois que elaboraram o primeiro plano, que já tem vinte anos. E o Ministério então me colocou pra coordenação esse documento, essa elaboração, e também para ser o correspondente científico na Convenção das Nações Unidas para combater a desertificação. Esse laboratório é coordenado por mim e pelo professor João Cunha, da Universidade Federal de Campina Grande. Então vou trazer informações sobre desertificações no semiárido, as informações que nós temos que processar no momento, as informações atuais. E eu organizei essa abordagem aqui da seguinte forma, eu vou ilustrar os três problemas que são internacionais, ou seja, a desertificação, a mudança climática e a perda da biodiversidade. Vou fazer a relação entre eles e, em seguida, vou ilustrar com informações, ou sustentar que realmente aquele processo que está acontecendo, basicamente é isso. Mas também, depois que apresento essa problemática, compartilhar com vocês as luzes de esperança que a própria caatinga está oferecendo. Então, veja só, para discutir desertificação, mudança climática, perda de biodiversidade, precisamos analisar as causas disso aí, porque as consequências nós sabemos. O que está sucedendo? Internacionalmente, o Brasil está sendo pressionadas por demanda por commodities. Essas commodities, baseadas em uma narrativa que nós chamamos desenvolvimentista Neoliberal. Então essas commodities exigem uma importação massiva de produção primária. E para essa produção primária, ele precisa de mega projetos de mineração, de agronegócio, e atualmente as energias solares e eólicas, que, infelizmente, estamos transformando uma potência que temos em uma ameaça. Então esses mega projetos, para eles implantarem eles precisam de muita terra, e eles ocupam essa terra, se produz, se atende essas commodities, desindustrializa o Brasil, e o que é que está acontecendo? É que os investimentos públicos estão sendo capturados para atender essa demanda externa. E não está ficando nada no semiárido brasileiro, a população não está se beneficiando, está ficando só a degradação. Paralelo a isso, o atendimento a essas commodities leva a uma concentração do poder político em setores primários da economia. E essa concentração do poder político favorece o processo histórico colonial aqui na região semiárida, porque temos o grave problema de concentração de bens: terra, água e biodiversidade, por isso o mega projeto. E com isso, temos esse problema da concentração fundiária. Paralelo a isso, pessoal, quando concentramos apoio político, o que as sucede? Ocorre uma flexibilização dos arcabouços legais. Você está vendo isso na Amazônia, aqui, com o parque eólico, solares, enfim. Com a flexibilização dos arcabouços legais ocorre a apropriação de terra, e essa terra, inclusive, sendo financializada, continua nesse círculo vicioso, essa captura política e degradação dos recursos naturais. Então essas são as causas principais,





especialmente no tempo que estamos vivenciando. E diante disso, que sucede? Degradam os recursos naturais, e hoje temos esses tais problemas: a desertificação, a mudança do clima e a perda da biodiversidade. São três grandes problemas ambientais que se retroalimentam mutuamente em um processo contínuo associado àquelas causas. Então quando desertifico o solo, ele tem muito resíduos, que se chama matéria orgânica, carbono, então quando eu corto a vegetação, esse carbono que está no solo se perde, ele é CO<sub>2</sub>, e indo para a atmosfera, ajuda a intensificar essas mudanças climáticas. A mudança climática, por sua vez, está mudando os padrões, a estrutura e composição da vegetação e dos animais, levando a perda da biodiversidade. E o solo, a área, a caatinga menos biodiversa tem menos organismos, levando à desertificação. Com menos vegetação, temos menos produtividade aqui, pessoal, produtividade primária; lenha, madeira, alimentos, água, e por isso temos menos carbono, mais mudança climática. Sem cobertura, impacto na vegetação, o solo fica menos protegido, se degrada mais, provoca erosão, perda nutrientes e impacta da biodiversidade. A erosão leva a perda de carbono também, implica nas mudanças climáticas e provoca eventos extremos, e intensifica erosão, menos nutriente, mais diversificação. Por que essa é a interrelação desses problemas? Eu vou dar agora um zoom para a mudança climática, se é verdade ou é mentira? Depois vou conectá-lo com a biodiversidade e desertificação. Então, veja só, o último relatório que foi divulgado pelo o IPCC, em 2021, isso é a nível global, nós estamos inseridos em transformações globais para atender essas commodities, que gera negligência mental e social. Já destacou que esse aqui que, de 1850 a 2020, foi o período mais quente nos últimos dois mil anos, e todo esse período aqui, o tempo, entre séculos mais quentes dos últimos cem anos. E ele disse o seguinte: esse aumento de temperatura aqui, de um grau, ele está associado basicamente a um aumento CO<sub>2</sub>, devido as ações humanas, aquilo que eu falei pra vocês, cortar a vegetação. Então a influência humana é determinante nesses processos. Então a mudança, como ele destacou, está em nossas mãos. E aterrissando para o semiárido, esse era o semiárido de 2004, vocês podem ver aqui o mapa, e esse é o semiárido de 2020. Por que 2020? Porque faz quase dez anos dessa atualização. Então vocês podem ver aqui que, como Carminha destacou, aqui temos a primeira zona árida no seminário brasileiro, que não tinha, e outra coisa interessante, apareceu essa parte aqui, mais verdinha, que se chama semiúmido, seco, apareceu um na região do Mato Grosso e, outro, no Rio de Janeiro, ou seja, está acontecendo de fato essas mudanças climáticas. E aqui eu trouxe um exemplo para o semiárido, quando foram apresentadas essas mudanças, você tem aqui os três climas: áridos, o semiárido e o seco, e aqui você tem os quilômetros quadrados em 2004, aqui você tem os quilômetros em 2020, e nesta coluna, esse menos esses, então você ver que aqui não tinha, e como não tem, apareceu esses cinco mil e seiscentos quilômetros quadrados como árido. E aqui a porcentagem, então tem um aumento de um 1% (um por cento) de árido, um aumento de 18% (dezoito por cento) do que era semiárido aumentou, 2% (dois por cento) do que era semiúmido seco, e área susceptível a essa certificação, de forma geral, aumentou 13,60% (treze vírgula sessenta por cento). Outra coisa, a seca era só no semiárido, mas só que agora o sertão verde chama para o Brasil, ela está em todo o Brasil. Essas partes que vocês estão vendo aqui são secas, períodos com seca longa seca. E essas cores mais laranja significa que entre quinze a vinte por cento, de um período de sessenta anos, passaram com longas secas, e está no Brasil inteiro. Agora a seca não é só no Nordeste, é do Brasil. E tudo isso empata sobre água, a dinâmica da água. Então, o que se espera? Que nas regiões que antes tinha o sistema de água, vai intensificar isso, como vocês podem visualizar aqui, com o maior déficit de água. E o que é importante disso? Se eu tenho



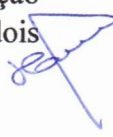
menos água, eu tenho menos alimento, porque para produzir um quilo de grão se é de milho, feijão, arroz, soja, o que vocês quiserem, são necessário mil litros de água. E com esses mil litros de água, ele tem uma consequência, você tem uma produtividade associada, ou seja, um quilo de grão, que eu preciso mil litros, eu produzo 140 gramas de carne bovina, e assim vocês podem ir vendo, carne suína, carneiro, frango, peixe, ovos, leite e assim sucessivamente. Ou seja, vai impactar diretamente na alimentação. Além disso, não temos água para o consumo humano. Em termo de biodiversidade, o que se espera? Mudança. Aqui temos 2000, então apareceu mudança no tipo de vegetação. Na Caatinga tem várias mudanças, mas eu não quis trazer todos, eu só quero mostrar um aqui, o que é que está dizendo? Se a Caatinga hoje, essas aqui são áreas com espécies menos lenhosas e menos forrageiras, essa parte aqui, menos potencial forrageiro. Então as pesquisas dizem que com a mudança de dois graus, que está previsto, se são dois graus ou quatro graus, vai haver mudança no tipo de vegetação, menos lenhoso, vocês podem ver aqui. E vai haver um generalismo da espécie. Tem outros dados, e este está documentado, foi o ano passado que saiu, em dezembro. Então pairou um impacto direto sobre a vegetação, mas imaginem na fauna. Bom, isso foi mudança climática, e desertificação, o que podemos mostrar? Então, desertificação, pessoal, basicamente, é um processo que gera no ser humano que ocupa aquela área, corta, queima e usa inadequadamente aquela área. Que sucede? Cortou, queimou, aquela área onde você cortou a vegetação, o solo foge, a água e o vento arrastam e perde a sua fertilidade, e esse solo vai assorear açudes e rios. Esse solo sem cobertura vegetal, porque ele não consegue se desenvolver, ele se resseca, ele se impermeabiliza, e a atmosfera, o ambiente se desidrata e se aquece, logo cai menos chuva. Tendo menos chuva, não tem como alimentar o lençol freático, aí as águas que estavam lá nas profundezas diminuem. E com isso, aquela área perde sua capacidade produtiva. Se eu tenho uma área com menos produção, ele impacta na economia das pessoas, vai vender menos feijão, menos milho, menos arroz, correto? E entendo um problema na economia, dizimo que as condições daquelas famílias, que estão inseridas dentro desse círculo vicioso, se deterioram as suas condições sociais. E quando isso acontece essas pessoas geralmente abandonam as áreas, ocorre uma decomposição social. E essas pessoas vão para o grande centro urbano: Recife, Rio, São Paulo, e essas pessoas como não tem condições financeiras, e muitas vezes não tem as informações adequadas ocupam as periferias. Só que lá também têm outros eventos naturais, como deslizamentos, que vocês estão acompanhando muito bem. E aí essas famílias, quando acontece isso, vão para as ruas, estamos criando condições sociais sem perspectivas. Então o tema dessa desertificação é um problema técnico, econômico, social político e cultural, por isso a importância desse momento aqui. Esse desmatamento é de dois mil e vinte e três, aqui tem a Paraíba, você veja, o estado que mais desmatando é a Bahia, a Paraíba está em quarto lugar de desmatamento. Esses dados são do Terrabrasilis, que é o órgão oficial que informa o desmatamento no Brasil. O meu bioma também é outro grupo de pesquisadores que avalia o desmatamento. Essas áreas aqui mais rosas, é a supressão vegetal de mil novecentos e oitenta e cinco a dois mil e vinte e dois, e esse verde é a vegetação que ainda temos. Aqui é o desmatamento desde mil novecentos oitenta e cinco até o momento, se desmatou sete por cento de uma caatinga. E quando desmatamos, como eu falei para vocês, em um quilômetro quadrado de caatinga, eu tenho três mil e quinhentas toneladas de carbono. Se fizermos o exercício dos últimos quatro, que desmatou 5.621 km<sup>2</sup>, a taxa de desmatamento na caatinga é de 1.425 km<sup>2</sup>, ao preço de hoje, e fazendo o quanto vale em CO<sub>2</sub>, nós estamos emitindo dezoito milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> para nós por ano. Esse gráfico, aqui são anos e aqui



são as toneladas de carbono que eu tenho na vegetação, e quando cortamos a vegetação e transformamos em pasto, esse carbono todinho que estava nas árvores na caatinga, você perde. E veja só que interessante, mesmo após vinte anos esse carbono que estava aqui não consegue chegar ao original. Acontece a mesma coisa com o solo, quando cortamos e transformamos em pasto, o carbono que estava no solo aqui, que era trinta e cinco toneladas, diminui e não é possível chegar àquele valor após vinte anos. Daí importância da conservação do solo e da vegetação que vai impactar na água. E também, pessoal, quando trabalhamos, se pensarmos nesse gráfico aqui, perda de solo, toneladas por hectare, e veja só, passo a uma caatinga preservada pelo mesmo solo, na medida que eu vou intensificando uma agricultura com alguma prática conservacionista, eu perco menos, com alguma prática da caatinga conservada, já vou perdendo mais. E na medida que caatinga rareada, perco mais, caatinga cultivada degrada perco mais solo. E a agricultura tradicional, sem árvores, se nenhum tipo de cobertura se perde mais, e terra nua, pior. Essas práticas também tem que analisá-las. E na medida que eu perco solo, tenho menos alimentos, por quê? Se eu tenho uma camada de solo de trinta centímetros, e eu perco solo, eu vou reduzir em setenta e cinco por cento a sua produtividade. Na medida que eu perco solo, se meu solo tem trinta centímetro e eu perco, eu vou reduzir essa produtividade, portanto vou ter menos alimento. Então, Carminha falou, o solo perde a sua pujança, e os bancos de sementes também se perdem, especialmente quando queimamos, corta a vegetação, queima e eu perco noventa e seis por cento da matéria orgânica, do carbono, do nitrogênio, e cinquenta e seis por cento do fósforo, que é necessário principalmente para a formação dos frutos. É importante não queimar. Todas essas áreas, pessoal, essa é uma área conservada, essa é uma área desertificada, aqui é a foto. Analisamos com uma técnica que chamamos cromatografia, uma fotografia do solo, essa é saúde do solo desta área, parece o que, pessoal? Um camponês me falou que parecia um bolo solado, essa é a palavra correta, solado? As áreas que estão conservadas, ele falou: 'parece um bolo fofo, com muito fermento'. E o que é que dá o fermento? A matéria orgânica. O que é a matéria orgânica? O carbono do solo. Então, de fato, essas áreas estão bem macias, quase como um pó, isso aqui tem vida. Aqui, pessoal, é um mapa da desertificação hoje no semiárido. Aqui vocês têm os estados, a Paraíba está com quarenta e sete por cento de desertificação, entre moderada, crítica semi-moderada. Mas todos os estados da região estão com problemas. Só que a área semiárida é maior que a caatinga, então nós também fizemos um mapa para todo o semiárido. Esses pontos aqui são as áreas mais desertificadas, que é um de um milhão e quatrocentos mil quilômetros quadrados, é muito grande. Então, somando tudo, dá aproximadamente trinta e cinco por cento da área está com a situação de crítico, sério e moderado. Essas áreas críticas severas, representam aproximadamente doze por cento de todo semiárido, que é que vale a mais ou menos quatro milhões de hectares que precisam ser reparados imediatamente. E no Brasil, todas essas cores que vocês estão vendo aqui, essa imagem violeta, é a degradação no Brasil, o Brasil tem que informar as nações unidas, o objetivo desse movimento que avalia a terra, que tem uma metodologia específica. Esse relatório aqui, que foi entregue, ele vale de dois mil a dois mil e vinte, então, na Caatinga houve um aumento de sessenta e oito mil quilômetros quadrados de degradado mesmo. Mas vejam que todos os ecossistemas estão com problemas. Esse estado aqui, não que esteja bom, de acordo com a metodologia, se antes era conservado, ele permaneceu conservado, mas se já era degradado, permaneceu degradado. Então, aqui temos nesses estados, áreas degradadas e conservadas, que a gente precisa separar, mas é a forma que o Brasil tem que informar as Nações Unidas. E aí tem as eólicas, todas essas eólicas estão concentradas no Nordeste, as outras na outra parte do



Brasil. Então oitenta e oito por cento das usinas eólicas estão concentradas no semiárido brasileiro; vinte e seis por cento dos solares estão concentradas no semiárido brasileiro. E no Brasil, temos essa relação, trinta por cento da usina eólica e solar estão localizadas aqui em nossa região do semiárido. E isso vem gerando aquele problema, que eu falei para vocês, intensificando a desertificação, ameaça do clima e assim por diante. A Caatinga, apesar de todos os problemas, ela vem lançando luzes de esperança, através de pesquisadores que vêm estudando, essa é a atualização da Universidade de Feira de Santana, nós temos na Caatinga, três mil trezentos e quarenta e sete espécies, quinhentas e vinte seis endêmicas, novecentas gêneros e cento e cinquenta e três famílias, aqui ilustrando algumas delas, e por esse fato, a caatinga é considerada uma área de maior diversidade na região neotropical. Inclusive, duas vezes mais biodiversa do que a Amazônia. Então ela se tornou um centro importante de conservação. Esses são dados científicos. Se você analisar as outras formas de vida, você verá que a Caatinga tem um papel importante não só para o Brasil, para todas as áreas secas do mundo, que representa hoje aproximadamente quarenta e sete por cento, e ela impacta no clima global. Além disso, o que é que a Caatinga tem? uma enorme diversidade de biocultura: muito conhecimento indígena, quilombola, tradicional, muitos camponeses. Só que essas pessoas que estão ocupando essas áreas estão sendo afetadas por esse processo associado a atender esses commodities e esses problemas globais. Nós temos terras indígenas no Brasil, cinquenta e quatro está no semiárido; de quinhentas quilombolas de terra no Brasil, cento e dez está aqui nessa região, e temos muitos assentamentos, e precisa aumentar, precisa democratizar a terra. Temos grande potencial, e a caatinga ela presta uma série de serviços ambientais, vocês podem ver aqui: regulação do clima global, qualidade do ar, controle da erosão, manutenção da fertilização do solo, polinização, dispersão de sementes, controle de seca e inundação, controle biológico, regulação da umidade do ar, serviços culturais, madeiras, plantas medicinais. Eu trouxe um exemplo do sequestro de carbono, essa matéria está publicada em revistas acadêmicas, mas também em jornais, como no Brasil, de fato, você pode procurar, sobre informações de um grupo de pesquisa que se chama Observatório de água e carbono em uma caatinga, formada universidades internacionais, institutos de pesquisa e centros internacionais. E o que essas pesquisas estão dizendo? Esses mapas aqui são florestas secas no mundo. Vocês estão vendo isso aqui vermelho? Esse estudo diz que a Caatinga é a segunda floresta seca mais eficiente a sequestrar carbono, e vamos mostrar os dados. Isso aqui, pessoal, é a respiração, vocês sabem que as plantas respiram, então, isso aqui é a respiração da Caatinga. Ela respira igual a gente, e o que sobra é uma produção primária, que é a lenha, as folhas, os galhos e, depois, o carbono que vai para o solo. E esse verde aqui é a diferença entre o que respirou e o que produziu. Se esse valor que era negativo, daqui para baixo é negativo, significa que sequestrou carbono. Vejam só, esses são dois anos, mesmo em período muito seco ela conseguiu sequestrar carbono. Está aí uma dica. Eu tenho mais valor em pé do que cortar e formar carbono ou fazer um parque eólico, a não ser que seja descentralizado. Outra coisa importante, em uma caatinga mais úmida, ela sequestra, retira do ar cinco toneladas de carbono por hectare. Em Caatingas mais secas, ela retira entre um e três toneladas de carbono. Olha a dica importante para o tema das mudanças climáticas. Isso aqui na área do agreste é mais úmida, e aqui na área mais seca, mas sempre ela sequestrando carbono. E veja só, comparando com vários biomas, aqui também é o oeste Amazônico, Amazônia Central, Cerrado, Guiana Francesa, enfim, e aqui é a caatinga. Prestem atenção para isso aqui, isso tudo é sequestrando carbono, mas prestem atenção para aqui, a eficiência, ou seja, de cada tonelada, quanto eu retenho? Aqui significa dois



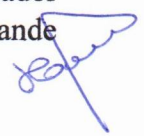


por cento que absorveu, mas só reteve dois. A Caatinga, de cem ela reteve quarenta e um a sessenta e dois por cento do carbono. Ela abateu o Brasil, todo o bioma brasileiro está abatido, muito importante. Além disso, eu estou falando de Caatinga conservada, viu pessoal. Quando eu tenho uma Caatinga conservada, densa, eu tenho cento e vinte toneladas no solo, aquilo que eu falei de vegetação, no solo. Quando eu tenho uma Caatinga mais espaçada, mas aberta, eu tenho oitenta e seis toneladas. Quando impacto isso, passo para pasto, eu reduzo para setenta e duas toneladas e para a agricultura para sessenta toneladas, ou seja, ela cai em torno de cinquenta por cento, mas de qualquer forma, o solo da Caatinga está retendo aquele carbono. E a eficiência de água, ela produz cinco toneladas de carbono por metro cúbico de água, muito eficiente, é uma Caatinga mais densa e uma caatinga mais rala. Outra coisa, baseados nessas muitas coisas que eu falei para vocês, nós temos feito algumas estimativas, que são estimativas por parte da nova palmeira. Uma palmeira é um parque eólico grande, que vai devastar toda serra, oitocentos e onze hectares, fizemos o cálculo por hectare, porque todo mundo pode levar isso na mente. Um hectare de Caatinga conservada, estoque de carbono, quanto seria o valor se fosse o estado brasileiro, os governos estaduais, as Câmaras Municipais incentivando esse pagamento, esse serviço ambiental? Dá oito mil cento e vinte e cinco reais por hectares. As contas que quiser, depois me pergunta, porque eu só quis ilustrar aqui, mas está salvo em números. Na vegetação, sobe anualmente, sobe e retem, ela dá trezentos e vinte reais por hectare/ano. Como ela retém sedimentos, uma tonelada solo, ela retém vírgula três metros cúbicos de água. O solo é uma grande caixa. Então podemos calcular isso, e fizemos uma estimativa de cem mil reais por hectare/ano. E também, ele conserva os nutrientes. Com essa perda por erosão, nós calculamos esses nutrientes perdidos e transformamos em minério. Então nós teríamos aí cinco mil cento e cinquenta e três reais por hectares/ano, apenas de três elementos: nitrogênio, fósforo e potássio, mas só sabemos que no solo temos em torno de trinta e três elementos. Um hectare para conservar a Caatinga, se fosse realmente para o estado pagar, está em torno de trinta mil reais, para facilitar a conta. Esses são dados científicos, e estão subestimando o valor. Então, pessoal, a situação se preocupa, porque a população cresce, a demanda por alimento cresce, na medida que nós desenvolvemos, o consumo aumenta em função desse estágio que se chama desenvolvimento, e isso, se não desenvolvermos, demandamos energia. Energia é água, terra e alimentos, e vai impactar sempre nos recursos naturais. Então, pessoal, eu queria que vocês ajudassem a ler esse texto aqui.” Os presentes leram junto com o Orador, porém com áudio inaudível. O Orador retornou à sua fala, dizendo: “Pronto, é isso, pessoal, concluo aqui. Todo mundo pode entrar aqui no observatório, tem muitos dados disponíveis pra você baixar. E me coloco à disposição pra qualquer pergunta que vocês considerarem pertinente. O material está aqui com a Câmara de Vereadores, com José, e podem ficar à vontade para usar.” Com a palavra, o **Vereador José Gonçalves** disse: “Bom, alguém quer fazer algum questionamento, alguma pergunta, algum esclarecimento? A previsão nossa aqui é sempre de duas horas de Audiência Pública, mas a gente abre essa exceção. Algum companheiro?” Com a palavra, o Senhor Damião disse: “Parabéns, professor! E a primeira pergunta é se você poderia disponibilizar essa palestra pra nós? Então solicitado. O conhecimento só presta se for socializado, não é? Vamos socializar. Fantástico. Vou pegar com o Vereador Zé Gonçalves. E parabenizar. Eu vou lhe tratar como você, acho que tenho idade de ser seu pai. Você apresentando a palestra, e eu estava pensando na fala de Volfran, e assim, o que a gente percebe que antes tudo isso que você apresentou se fosse apresentado há trinta anos atrás iam acusar de alarmismo, de catastrofismo, mas a catástrofe está aí na nossa porta. Tem várias coisas



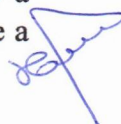


que eu queria abordar, mas eu queria chamar a atenção, assim, dizer que o filme é o mesmo, só muda a época e o enredo. A história é a mesma, desmatamento, perda de solo, erosão, desertificação, êxodo rural, favelização, miséria, violência, enfim. Eu fiquei muito feliz, que ironia do destino, a Caatinga agora é a salvação do planeta, não é mais a Amazônia. E essas suas contas da questão do sequestro de carbono, fiquei alarmado com o avanço das eólicas no semiárido, e quando você fala da questão da água, chamar a atenção pra nós aqui. Quando o Vereador Zé Gonçalves falou do Rio Espinharas, incrível isso, porque a serra do Teixeira, não sei se você conhece, pesquisador, mas é uma grande caixa de água, é uma grande caixa de água da região. Essa caixa de água aí alimenta o Rio Paraíba, que alimenta abacia do Piranhas Sul, é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Corrigir, que eu sou paraibano, não sou potiguar não, sou daqui de Brejo do Cruz. E puxo a brasa pra minha sardinha, dizer que é uma grande conquista da sociedade local, professor, a criação desse parque, que vem se contrapor a esses megaprojetos de infraestrutura, que você falou aí, pra tender um modelo de desenvolvimento, enfim, não vou muito me alongar com isso. E mais uma vez, convidar as lideranças, os governos locais, a sociedade geral, a acadêmica, Carminha, o professor, nós temos uma oportunidade de reverter esse processo histórico, cultural, a partir da criação do parque. Nós temos a oportunidade de fazer a história, e convidar, estamos totalmente abertos, enquanto gestor do parque, para escutar e construir as alternativas. Está aí, você apontou, e nos colocamos à disposição pra fazer, construir políticas públicas em nível municipal e regional, a partir do parque nacional do serra do Teixeira.” Com a palavra, o **Vereador José Gonçalves** disse: “Pra gente encerrar a Audiência Pública, dizer que depois dessa audiência, que a gente pode até constituir o foro de discussão permanente sobre a Caatinga e o nosso semiárido, e a gente intensificar, esmiuçar esses riquíssimos documentos que foram apresentados aqui. lamentar, inclusive, Anchieta, que nós não temos aqui nesta Audiência Pública a presença da Secretaria de Meio Ambiente do Município de Patos. Nós temos companheiros lá de Teixeira, Itaporanga, nós temos o vice-prefeito de Patos, que é da Universidade Federal de Campina Grande, do curso, temos a secretaria, você veja a contradição, tem uns companheiros de São Mamede, todos os municípios que estão aqui, agradecer. Isso, na verdade, é um desafio, porque nós temos essa ausência, parece até de forma organizada aqui em Patos, porque muitas vezes não querem discutir aqui na Câmara Municipal as questões estruturais: meio ambiente, moradia, saúde, educação, geração de emprego e renda, o pessoal foge mesmo. Mas eu venho insistindo aqui, porque aqui tem que ser realmente a casa do debate. Não é a casa do povo, ainda tem que avançar muito pra ser a casa do povo, mas a gente tem insistido aqui. Uma andorinha só não faz verão, eu digo que faz, eu insisto, eu sou ousado. Tem uns companheiros que também não estão, e justificaram, mas a gente tem de fazer essa luta.” Com a palavra, o **Senhor Anchieta** disse: “Boa noite a todos e todas. Sei que a imagem está boa, mas a voz é que não está ajudando muito, mas eu queria, rapidamente, Zé, sei já que é final dessa importante atividade, parabenizar a todos que se envolveram com essa iniciativa, parabenizar o professor, pesquisador Audrey, por essa disponibilidade. E também me alegrar com a presença de tantas pessoas aqui, que vieram, atenderam esse pedido, das mais simples as mais instruídas. Vejo que está aqui o secretário de agricultura de Malta, a Ação Social da Diocese de Patos, que há muito tempo vem tentando semear, tentando plantar as boas ideias, e eu acho que esse momento aqui foi mais um semeio. Eu queria me reportar aos professores: professor Edileudo, quanto importante esse tema deveria estar nas escolas; professor, pesquisador Chico velho, queria que você acenasse com a mão pra todo mundo conhecer, um grande






pesquisador que vem valorizando as potencialidades da nossa Caatinga, as suas frutas nativas que poderia gerar renda. Eu lembro os umbus, que estão cedendo espaços para as grandes torres, e ninguém, até hoje, nunca viu nenhum município da serra do Teixeira ter uma iniciativa de dizer: 'olha, minha gente, esse potencial que está aqui, nosso, pode gerar emprego e renda, pode gerar alimentos'. Eu estava conversando com ele aqui, no início, que na Bahia tem uma cidade chamada Uauá, que periodicamente eles fazem uma grande festa, como se fosse a festa Da Guia aqui em Patos, vai gente da região toda reverenciar o umbu, a sua potencialidade, e aí mistura com cultura. Então, a gente está aqui e não estar enxergando esse potencial que a gente tem, minha gente, o que é isso? E eu queria terminar com a frase, que é de uma música que diz: 'Quem ama cuida', e eu acho que só ama quem conhece. Se a gente não conhece, a gente não ama, não cuida e joga no mato. É a cultura, que não presta joga no mato, joga no mato. Então, a gente precisa inverter isso. Eu lembro de um engenheiro florestal, professor lá do Rio Grande do Sul, que ele dizia numa de nossa reuniões da Engenharia Florestal: 'Olha, não é pra servir de modelo não, mas eu queria contar um exemplo aqui, que às vezes toca, em alguns países que eu fui por aí, quando você vai construir uma casa perto de uma represa, de um curso de água, de um manancial, lá se constrói a casa com a frente pra o curso de água, pra o manancial. A cultura aqui no Brasil é o contrário, quando se constrói algo perto de um açude, é com a traseira para o açude, porque ali vai servir de esgoto, não é? Então pra dizer mudança de mentalidade que a gente precisa, que passa pela educação, e eu espero que esse momento não morra aqui, Zé. A todos que aqui estão presentes, que são professores, que são agentes culturais, que são membros de associações, que essa semente, que aqui foi lançada, que possa ser cuidada, que esse debate continue, porque é a exigência atual, e não tem outra saída, não outra saída. Se a gente não presta a atenção no que está acontecendo, a gente vai morrer e essa doença silenciosa, que é a desertificação, vai só aumentar, e a gente sem saber, sem conhecer as causas. Então fica esse meu sentimento de gratidão, de mente cansada e de que as pessoas aqui estão não vão sair do mesmo jeito que chegaram. É isso. Obrigado. Eu acho que em termos de proposição, Zé, tem um dica, a gente não vai tentar construir coisas do nada, tem um plano nacional, que está sendo construído, eu estive em uma dos seminários, lá no Cariri, em Sumé, e isso aconteceu no Brasil todo, está sendo sistematizado, depois o estado, a partir desse plano grande, vai ser o seu, estadual. E os municípios que tiverem juízo vão pensar em fazer o seu também a partir. A gente vai aguardar esse momento da construção dele e a gente vai se apropriar dele, senão vai ficar a letra morta." Com a palavra, o **professor Audrey** disse: "Eu só queria dizer as vocês a pensar desses problemas, que realmente, nos últimos anos foi que se intensificou, mas nos últimos vinte anos foi o semiárido brasileiro que mais se transformou e que mais acesso a políticas públicas teve, especialmente na perspectiva de convivência com o semiárido, e esse transformou, saiu de ato de fala para um conjunto de transformação sociais que aconteceram. Se eu fosse listar, a gente podemos destacar aqui o programa 'um milhão de cisternas', que foram aproximadamente um milhão e quatrocentas mil cisternas que foram criadas; podemos destacar o programa 'água pra todos', lançado em dois mil e onze, o projeto a transposição do Rio São Francisco, que gerou impacto, mas, querendo ou não, ele fez uma transformação; tem o programa bolsa família, que foi essencial, não só no semiárido, mas no Brasil como um todo; temos programas FIDAS, um programa de financiamentos pra diversas atividades; tem o programa de aquisição de alimentos; temos o PRONATEC, programa de acesso de ensino, a educação, e aqui no semiárido cresceu em cinquenta e cinco por cento o acesso à universidade, IFPB; se criou aqui a política nacional de combate à desertificação, que a

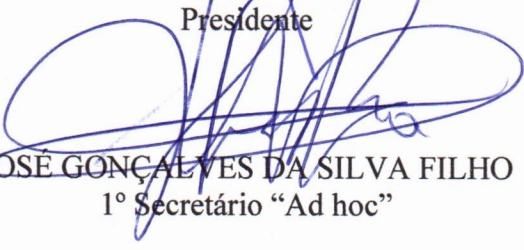




Lei 13.153, e precisamos que essa lei seja regulamentada e bote dinheiro, basicamente. Então o semiárido brasileiro, a preço de hoje, o espaço com mais pensamentos crítico do Brasil e que mais se transformou, apesar dos problemas. É porque como há muito interesse, como vocês viram aí, então atender a essas commodities gera essa diligência ambiental. Então precisamos passar por um processo de educação e uma mudança cultural, uma cultura intencionada, porque quem decide o que vai acontecer no Brasil é o Legislativo, aqui, a nível de município, a nível nacional a Câmara de deputados e o senado brasileiro. Então esse pensamento crítico tem que quem colocar lá pra que pense em um Brasil justo, solidário e que evite esse problema ambiental não é só o Brasil que vive, mas seria o planeta, e depende de nós seres humanos que estamos aqui ocupando esse espaço. O semiárido pode dar exemplo disse aí adiou, e aqui destaco os movimentos sociais: MCT, MPA, MAVI. Obrigado.” Não havendo nada mais a tratar, deu-se por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte e uma horas.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 09 DE AGOSTO DE 2024.

  
VALTIDE PAULINO SANTOS  
Presidente

  
JOSÉ GONÇALVES DA SILVA FILHO  
1º Secretário “Ad hoc”